

Os Congressos de Folclore na Comunidade Luso-Brasileira

POR

Jaime Lopes Dias

Da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.

Querem muitos que Portugal e o Brasil e o Brasil e Portugal se abracem numa comunidade que emparelhe com a afectividade familiar já existente que encontra o seu fundamento na lareira comum da lusitaniedade.

O Brasil, diz-se, escreve-se e afirma-se a cada hora, na imprensa, nas conversas e nas Academias, é prolongamento de Portugal na língua, nos costumes, no modo de ser humano, e não sei se também nos seus defeitos.

Pois muito bem!

Lançado em 1946, há perto de 25 anos, pelo *Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*, em colaboração com o Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, a ideia da organização de Congressos Folclóricos Luso-brasileiros, com o propósito de estudar e divulgar o que respeita à base da formação dos dois povos, a formosa iniciativa, não obstante o seu cunho semioficial, e o entusiástico apoio dos etnógrafos e folcloristas dos dois países definhou-se e dorme o conhecido sono dos belos programas, das comissões e do lançamento das primeiras pedras!

Redigiram-se então a *Organização* e o *Regulamento* do *Primeiro Congresso* que deveria realizar-se em Lisboa, em 1948, «com

o fim de promover o desenvolvimento dos estudos folclóricos, estabelecer uma colaboração efectiva entre portugueses e brasileiros, ou estrangeiros interessados no folclore de ambos os países, e criar os órgãos permanentes e necessários para a efectivação dos fins enunciados.

Os trabalhos a apresentar aos Congressos constavam de vinte rubricas, devendo ser dada prioridade aos estudos sobre: nascimento, infância e adolescência, amor e casamento, doença e morte, alimentação, culinária e doçaria, superstições, contos, música e instrumentos, e artes e indústrias populares. Regista-se que, já ao tempo, existia o *Acordo Cultural luso-brasileiro*, considerado uma das bases iniciais da Comunidade, onde formalmente se determinava que as duas secções: portuguesa e brasileira, promoveriam especialmente o estudo do folclore luso-brasileiro através de publicações editadas pelos dois organismos e a realização de festas populares e tradicionais comuns aos dois países.

Recentemente, rebate de consciência, por nada se ter feito no rodar de dezenas de anos, foi lançada (1966) a ideia da criação de Feiras de Livros, simultâneas em Portugal e no Brasil.

As duas funcionaram já, efectivamente, em Lisboa e no Rio de Janeiro.

Nos actos inaugurais disse uma das partes (o Brasil) pela voz do seu embaixador em Lisboa, que no futuro elas seriam acompanhadas de outras iniciativas complementares, entre as quais a realização de conferências por escritores ou mestres consagrados, de cá e de lá.

E porque não Congressos Luso-Brasileiros de Folclore? Digo eu!

Comemorando a nossa Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia o cinquentenário da sua fundação com a publicação deste volume especial da sua Revista «*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*», respondo ao pedido de colaboração que me foi dirigido, revivendo a iniciativa de 1946, defendendo a realização dos congressos, no convencimento da extraordinária vantagem que resultaria para um sério estudo, comum, que falta fazer.

Neste capítulo da Comunidade Luso-brasileira, face aos diversos aspectos porque pode ser encarada, não será momentâneamente, mais proveitoso e fácil começar pela política do espírito, não esquecendo de qualquer maneira a comercial ou económica?



Comissão Executiva do I Congresso Luso-brasileiro de folclore que se reuniu no Secretariado Nacional da Informação para a sessão de encerramento dos trabalhos da Conferência preparatória do referido Congresso, 3/11/47. Na gravura, entre outros, Luís da Câmara Cascudo, mestre consagrado da luso-brasilidade

Portugal vai atrasado e desordenado nos seus estudos etnográficos e folclóricos, sobretudo, quanto a mim, pela falta de unidade, melhor talvez pela ausência de coordenação ou prévia programação entre os cultores da ciência, como se faz por esse Mundo, em tantos países!

E o nosso atraso é sobretudo mais evidente, não pelo fraco andamento, mas porque nesses povos se tem principalmente cami-

nhado, colectiva e ordenadamente mais do que no nosso, podendo mesmo classificar-se de notável a obra levada a efeito no Brasil, nos Estados Unidos da América, na Argentina, no México e em quase todas as nações da Sul-América.

Penso que os Congressos Luso-Brasileiros de Folclore poderiam indirectamente ser os fautores dessa necessária organização!

Quem nos ouve? Ouvir-nos-ão!